
A “LEGIÃO URBANA” E O CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA¹

THE “LEGIÃO URBANA” AND THE LANDSCAPE CONCEPT IN GEOGRAPHY

Lucas Kelvin Santoro Montenegro Viana²
Marília Barreto Paulucci³

RESUMO: O conceito de paisagem é de fundamental importância para a Geografia, sendo um de seus principais conceitos. A paisagem ainda é um conceito bastante utilizado pelos geógrafos e estudiosos de outras áreas do saber, e, apresenta inúmeras possibilidades de pesquisas e abordagens, porém, a interpretação do que é uma paisagem diverge dentro das múltiplas abordagens geográficas. Este artigo objetiva abordar e discutir o conceito de paisagem a partir das letras da banda Legião Urbana.

Palavras-chave: Geografia. Paisagem. Legião Urbana. Música. Letras.

ABSTRACT: The concept of landscape is of fundamental importance to geography, being one of its main concepts. The landscape is still a concept widely used by geographers and scholars from other disciplines, and presents numerous opportunities for research and approaches, however, the interpretation of what is a landscape diverges within multiple geographical approaches. This article aims to approach and discuss the concept of landscape from the letters of the Legião Urbana band.

Key words: Geography. Landscape. Legião Urbana. Music. Lyrics.

INTRODUÇÃO

Há muito a Geografia enquanto ciência rompeu com o tradicionalismo e passou a valorizar cada vez mais o pensamento crítico, dessa forma, nota-se que enquanto existir discordância em relação a certo objeto serão necessários debates e definições repetidas até que se encontre uma base comum para que uma posição geral possa ser estabelecida. Quando se fala de um conceito estritamente geográfico que ainda não possui uma definição comum a todos (e talvez nunca haja), fala-se do conceito de paisagem.

A ciência da distribuição geográfica dos organismos estuda o conceito de paisagem há tempos e este está em constante mudança.

Para Sauer (1998), paisagem pode ser definida como “uma forma de terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico [...] uma

1 Trabalho apresentado no VII Congresso Brasileiro de Geógrafos em 2014.

2 Graduando em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: santoro.uerj@gmail.com.

3 Graduanda em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: mariliapaulucci@hotmail.com.

área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”.

Talvez o maior desafio para alguém que estuda o conceito de paisagem seja separar o pensamento do meio acadêmico do senso-comum, visto que, a paisagem é usada no cotidiano por qualquer pessoa. Assim pode-se arriscar dizer que a geografia é uma ciência cotidiana.

Ao buscar separar paisagem do senso-comum, antes de tudo, deve-se ter em mente que o conceito de paisagem não está apenas ligado ao sentido da visão. Este conceito vai muito, além disso, e está diretamente relacionado com outros sentidos humanos, como, por exemplo, o olfato e a audição. Dentro desses outros sentidos nota-se que a objetividade, fruto do senso-comum, se afasta cada vez mais da realidade deste estudo e nota-se que a subjetividade faz parte inevitavelmente deste conceito. A paisagem não é simplesmente uma cena real vista de certo observador e sim um conjunto de variações e interpretações baseadas em cenas individuais.

Este conceito está implícito dentro de letras de muitas músicas, embora nem quem ouça e nem quem as escreve perceba isso. De certo modo, pode-se dizer que a música ativa todo um processo individual de formação de paisagens subjetivas, baseadas na interpretação da audição.

Há exatos vinte e oito anos, surgia no Planalto Central Brasileiro, uma banda que faria com que milhões de pessoas ao longo do globo imaginassem e idealizassem as paisagens implícitas dentro de suas amadas letras. A Banda Legião Urbana, composta inicialmente por Renato Russo e Marcelo Bonfá lança seu primeiro disco no mesmo ano em que a condenada ditadura chegara ao fim.

PAISAGEM E SUBJETIVIDADE

A maioria das canções desta banda apresenta claramente em suas letras paisagens naturais e artificiais, porém algumas possuem maior relevância do que outras e assim pode-se citar claramente em primeira estância a música “Faroeste Caboclo”, composta por Renato Russo em 1979 e lançada para o público em 1987 no terceiro álbum da banda: “Que país é este”.

Faroeste Caboclo chama a atenção primeiramente por seu tamanho. A música possui nove minutos e meio, embora seu compositor afirme que ela foi escrita em apenas duas tardes. A música conta a história de João de Santo Cristo, um jovem pobre e negro que ao longo da vida foi vítima de racismo, pobreza, estupro, entre outras coisas horrendas. O que se pode dizer é que ao longo da letra Renato idealiza e molda paisagens em torno de uma história, a canção que saía de seus lábios passou antes por todo um processo de criação onde seu compositor visualizava cada paisagem da letra. Logo no começo, nota-se um trecho onde a paisagem do local é facilmente visualizada por qualquer ouvinte: “Deixou pra trás todo marasmo da fazenda”. Diante disso, vê-se que embora este local não exista no mundo real, ele passa a existir subjetivamente e individualmente gerado por cada pessoa que escuta a música. A maioria das pessoas imagina instantaneamente uma área rural, uma fazenda calma e tranquila, sem nenhuma agitação ou causa merecedora de se virar uma história. Individualmente, cada um imagina esta fazenda ao seu próprio modo, baseado na sua cultura e vivência pessoal, por exemplo, uma pessoa que mora em uma área rural vai imaginar, quando ouve este trecho, uma fazenda parecida com que ele próprio está acostumado, por outro lado, alguém que vive e está acostumado com o dia a dia na cidade também vai imaginar uma fazenda, porém, completamente diferente do primeiro caso.

COTIDIANO

O conceito de cotidiano pode ser usado como ferramenta para auxiliar o entendimento do conceito de paisagem, uma vez que dentro da individualidade do ser

humano o cotidiano em que este está inserido influencia completamente em como ele visualiza cada paisagem. Há milhões de definições do que é cotidiano, Lefebvre, por exemplo, afirma que cotidiano é “uma soma de insignificâncias, não de significantes”. Pode-se dizer que cotidiano é uma esfera do social, sendo assim, a parte de um todo que carrega características teóricas e práticas, onde a interligação pessoa x meio e pessoa x pessoa, molda e gera a vida cotidiana.

O cotidiano influenciou diretamente Renato na composição de algumas canções, entre elas o grande sucesso de 1986, “Eduardo e Mônica”.

“E a nossa amizade dá saudade no verão...” Renato compôs esta canção baseando-se em um casal de grandes amigos, sim eles realmente existiram, só não se sabe se esses eram realmente os nomes. A música, lançada no segundo álbum da banda conta a história de um casal e a trajetória de sua vida amorosa, com frases engraçadas e boas rimas, esta letra apresenta diversas paisagens, que para o compositor são únicas, mas para cada um que as escuta, são diferentes. O cotidiano de cada um permite que essas paisagens sejam moldadas de formas diferentes. “Enquanto Mônica tomava um conhaque no outro canto da cidade”, e talvez Renato soubesse aonde era este “canto”, mas cada ouvinte imagina de um jeito: um bar, uma roda de amigos etc.

CULTURA

Dentro desta mesma música ouve-se o trecho “A Mônica explicava pro Eduardo, coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar”. Facilmente se imagina os dois sentados conversando sobre esses quatro elementos, alguns os imaginam sentados em um gramado, outros os imaginam sentados em um quarto, mas quando se fala nesses quatro elementos estamos falando da cultura de quem os citou.

Segundo Tuan (1974, p.20):

Os conteúdos da natureza são enormemente variados. Cada grupo humano culturalmente diferenciado tem sua própria nomenclatura para lidar com esta variedade. Entretanto, nas diferentes partes do mundo, as pessoas reconheceram poucas substâncias básicas ou elementos que se destacam da multiplicidade de fenômenos; por exemplo, terra, água, madeira, ar, metal e fogo. [...] Cada elemento também é um processo ou a corporização de um princípio para atuar. Então, a idéia de umidade e movimento descendente está associada com a água, e a idéia de mudança calor e movimento ascendente, com o fogo.

Assim, nota-se que cada cultura valoriza certos elementos, e, talvez, se Renato Russo tivesse nascido na China, a letra seria “A Mônica explicava pro Eduardo coisas sobre a terra, a água, o ar, a madeira, o metal e o fogo”.

A geografia cultural do século passado concentrou-se nas formas visíveis da paisagem, mas como já foi citado aqui, enquanto houver discordância em relação a um conceito, serão necessários debates para que se atinja uma base comum. Então, quando se fala nas letras de músicas desvinculamos essa ideia de que paisagem está ligada a visão, uma vez que as paisagens podem ser visualizadas mesmo sem existirem, através da interpretação individual de cada um.

Ao contrário do que muitos pensam, “Faroeste Caboclo” não é a mais longa música da Banda Legião Urbana. A mais longa música se chama “Metal Contra as Nuvens”, e nem ao menos era exibida nas rádios por conta de seu tamanho; chegando até onze minutos dependendo da versão.

Lançada originalmente em 1991, no quinto álbum da banda e ganhando uma nova versão acústica em 1992 no programa “Acústico MTV”, esta canção chama atenção em primeiro lugar por possuir uma imensa variação melódica, onde seu início é leve, calmo e tranquilo, seguido por um meio “pesado” de guitarra e bateria e marcado por um fim suave parecido com o início.

A música tem uma temática medieval feudalista, onde Renato idealiza e imagina o Brasil fazendo uma analogia entre este e a Europa Medieval. Durante entrevista, Renato afirma que essa letra retrata uma época dentro do mandato do ex-presidente, Fernando Collor de Mello, quando os direitos autorais das canções ficavam presos, e como a Banda Legião, nessa época fazia poucos shows, a banda ficou por um longo tempo sem lucrar praticamente nada. Toda essa indignação foi convertida em versos nesta música, por exemplo: “Quase acreditei na sua promessa/ E o que vejo é fome e destruição/ Perdi a minha sela e a minha espada/ Perdi o meu castelo e minha princesa”.

Deste modo, é notável que a visualização desta paisagem ditatorial é completamente diferente quando se pensa no tipo de pessoa que interpreta a letra. Uma pessoa que vivenciou no Brasil a Era Collor vai decodificar e montar toda uma paisagem para esta música diferente de um jovem que só ouviu falar tanto da Era Collor quanto da Banda Legião Urbana. Do mesmo modo uma pessoa pró-Collor vai moldar uma paisagem diferente de uma pessoa de oposição ao mesmo.

A paisagem, além de tudo, é fruto das experiências vivenciadas por cada um. No seguinte trecho, Renato faz uma crítica à corrupção do citado presidente: “E há quem se alimente do que é roubo/ Mas vou guardar o meu tesouro/ caso você esteja mentindo”, fruto de quem viveu na pele a crise gerada por aquele governo.

“Viajamos sete léguas, por entre abismos e florestas”. Imensas regiões cobertas por mata virgem são imaginadas por muitos ao ouvirem essa estrofe, mas para o compositor, abismos e florestas eram regiões associadas a algo ruim, onde a crise podia ser considerada um abismo e sair dele representava a liberdade.

Para Sauer (1998) “O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área”.

SIMBOLISMO NAS LETRAS

Também no quinto álbum da banda, “V”, foi lançada a tão famosa e não menos melancólica “Vento no Litoral”. A música que fizera tanto sucesso em 1991 trata-se de uma homenagem a um antigo namorado de Renato Russo, o qual falecera, fazendo com que Renato voltasse, sem outra opção, a ser solteiro. A dor do abandono foi tão grande que o cantor compôs uma música para desabafar.

“Chegar até a praia e ver, se o vento ainda está forte, vai ser bom subir nas pedras, sei que faço isso pra esquecer, e o vento vai levando tudo embora”. Diante disso, ligamos o conceito de paisagem ao estágio psicológico do músico na hora desta composição. A tristeza de Renato foi passada para cada verso da música e gerou uma paisagem. “Agora está tão longe, ver a linha do horizonte me distrai”. Renato nessa letra, como o próprio nome já diz, idealiza uma praia, então pode-se dizer que a tristeza e melancolia na vida daquele compositor o fizeram moldar uma praia como símbolo de tristeza.

Segundo Tuan (1974), “Um objeto também é interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente”.

O símbolo de tristeza de Renato Russo naquela música pode ser considerado a paisagem implícita nela. Para ele, um fim de tarde em uma praia deserta e fria, com muito

vento era algo extremamente melancólico, que o fazia refletir sobre tudo e de certa forma se sentir, não melhor, mas menos mal.

Por outro lado, quando se fala da música “Hoje a noite não tem luar” a paisagem descrita na canção é de uma praia, “Foi assim que a conheci naquele dia junto ao mar, as ondas vinham beijar a praia, o sol brilhava de tanta emoção”. Diante disso, nota-se que a praia que outrora representava tristeza e dor agora é o cenário de uma paixão a primeira vista. Embora a praia seja o centro destas músicas as condições climáticas (Vento, frio/Sol, calor) deixam claro que o modelo da música é diferente.

Cabe ressaltar que, a música “Hoje a Noite Não tem Luar” é uma composição da antiga banda “Menudos” e ficou famosa no Brasil diante de uma brincadeira. Renato Russo, ao pensar estar diante de um intervalo no “Acústico MTV” cantou a música e pôs nela toda emoção possível, fazendo com que esta entrasse para aquele álbum sem antes ter este propósito.

Assim, duas canções que citam a praia têm interpretações completamente diferentes, ao ouvir “Vento no Litoral” as pessoas tendem a imaginar uma praia fria e deserta, e ao ouvir “Hoje a Noite Não tem Luar” as mesmas pessoas tendem a imaginar uma praia quente e alegre no início da música, uma praia onde se gera um amor a primeira vista.

Para Sauer (1998), “A descrição de fatos observados origina, por alguma ordem predeterminada, um agrupamento preliminar do material.” Assim, a descrição também é uma ferramenta essencial quando ligada ao conceito de paisagem. Na composição de letras de músicas, falando especificamente de Legião, a descrição do que os olhos veem pode naturalmente virar uma descrição dentro da letra, gerando assim, diversas interpretações de paisagens diferentes.

Na música “Marcianos Invadem a Terra” lançada no último álbum da banda em 1997, após a morte de seu compositor, vê-se que, embora a música inteira possa ser alvo de uma idealização de paisagem, há um trecho em específico que deve ser destacado, é ele: “Será que existe vida em Marte? Janelas de hotéis, garagens vazias, fronteiras, granadas, lençóis. E existem muitos formatos, que só tem verniz e não tem invenção. E tudo aquilo contra o que sempre lutam. É exatamente aquilo que eles são.” É neste trecho que está a parte mais reflexiva da música. Renato indaga se existe vida em Marte, outro planeta, e, diante disso apresenta termos para demonstrar como é a paisagem de nossa sociedade terrestre e questionar se uma possível civilização marciana possuiria estes mesmos moldes de paisagem. Coisas simples como “janelas de hotéis” representando a presença de moradias, “garagens vazias” representado os automóveis, “fronteiras” mostrando o território próprio de cada nação, “granadas” representando a guerra, a ira, e complementando o termo anterior de “fronteiras” e “lençóis” representando o descanso. Assim seria o molde de uma civilização terrena aos olhos de Renato, onde em seu dia a dia nunca deixava de ver uma janela de hotel, uma garagem vazia, e, mesmo que no jornal da tevê, as guerras.

Ao falar em guerra deve-se perceber que a paisagem que cada um tem em mente é completamente individual e cada um imagina de um jeito baseando-se na sua própria cultura. Por exemplo, dificilmente alguém que já viveu a guerra vai imaginá-la do mesmo modo que alguém que só a viu na televisão ou na internet.

Segundo Cosgrove (1998), “Em termos de paisagens existentes, naturalmente somos inclinados a ver a expressão mais clara da cultura dominante no centro geográfico do poder”. Dessa forma, quando se fala em guerra a maioria das pessoas é facilmente influenciada pela mídia e a mídia é facilmente e obviamente moldada a favor do poder, no caso o poder de quem mais pratica a guerra atualmente e de quem não pode ser contestado belicamente, sim, lê-se Estados Unidos da América. Neste caso fala-se de paisagem da Guerra na visão norte-americana, pois é isso que nos é passado pela mídia. Então quando a geração atual

pensa em guerra, naturalmente a imagina como em mais uma aparição da Guerra no Iraque, Afeganistão etc., onde os Estados Unidos aparecem como heróis contra o mal terrorista e, se a pessoa não possuir um senso crítico um pouco mais apurado irá concordar.

PAISAGEM SONORA

Há algum tempo na geografia, surge o termo “Paisagem Sonora” criado por R. Murray Schafer e estudado em seu livro “A Afinação do Mundo”. Para Schafer (1970), “A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras”.

Assim, certo conjunto de sons interligados forma uma paisagem sonora, por exemplo: ao ouvir o som de carros, apitos, buzinas e passos, se está diante de uma avenida movimentada em alguma área urbana.

Pois bem, diante disso Schafer (1970) afirma que os sons do mundo são divididos em dois tipos: Naturais e Artificiais. Dentre os naturais podemos mostrar como exemplo o som das árvores, os pássaros cantando, o barulho das ondas, o som de uma cachoeira, o vento soprando, o som da chuva, dentre outros. Em relação ao som artificial podemos usar como exemplo o apito de um guarda de trânsito, o barulho do motor dos carros, a sirene da ambulância, a sirene da polícia, e o que mais interfere na vida de uma pessoa, dentre todos os outros sons artificiais, a música. A música interfere na sociedade e é moldada por essa própria sociedade.

Existe uma relação entre música e Estado, sendo assim, a música de uma época harmoniosa é calma, suave e tranquila, e o governo equilibrado. A música de uma época inquieta é excitada e exaltada, e seu governo é mau. Onde a música é sentimental e triste, pode-se dizer que o governo está em perigo.

Essa tese é exemplificada no governo igualitário e iluminista de Maria Teresa, onde a graça e harmonia das músicas de Mozart não são de forma alguma, acidentais.

Outro belo exemplo são as extravagâncias sentimentais de Richard Strauss, que estão direta e perfeitamente ligadas ao declínio do Império Austro-Húngaro.

Então, de acordo com Schafer (1970, p.23):

Qualquer etnomusicólogo pode confirmar essa afirmação. Resta pouca dúvida, portanto, de que a música é um indicador da época, revelando, para os que sabem como ler suas mensagens sintomáticas, um modo de reordenar acontecimentos sociais e mesmo políticos.

Desde algum tempo, eu também acredito que o ambiente acústico geral de uma sociedade pode ser lido como um indicador das condições sociais que o produzem e nos contar muita coisa a respeito das tendências e da evolução dessa sociedade.

Diante disso, a música passa a ser considerada um indicador social e no caso da Banda de Renato Russo, não é diferente.

Para Schafer (1970), “A música forma o melhor registro permanente de sons do passado”. Embora muitos jovens hoje em dia, não tenham vivenciado a Banda Legião Urbana no seu auge e muito menos a ditadura, a Era Collor e o Governo Itamar, as músicas desta banda deixam um grande legado e faz com seja mais fácil visualizar e idealizar a situação do Brasil décadas atrás e até mesmo comparar esta situação passada a situação brasileira atual. O resultado dessa comparação é uma divergência mínima em relação ao

contexto, ainda se vive hoje no Brasil uma situação de extrema corrupção, onde o termo político é praticamente um sinônimo da palavra corrupto.

A paisagem visualizada nestas duas letras é mais uma vez palco de discussão, uma vez que pessoas a favor da ditadura e pessoas contra a ditadura idealizam paisagens extremamente diferentes em relação a estas letras. Do mesmo modo pessoas que não vivenciaram aquela época têm visões completamente diferentes, de pessoas que a vivenciaram.

Assim, a mesma paisagem, gerada pelo mesmo momento histórico gera diversos moldes de visualização e cada um imagina de acordo com seu modo de vida e seu conhecimento.

A produção de sons é, em grande parte, uma questão subjetiva do homem moderno e assim a paisagem sonora contemporânea é marcada por seu hedonismo dinâmico. Hedonismo, um termo grego que, resumidamente trata-se de prazer, define música contemporânea como algo ligado ao bem estar e, desta forma é possível criar um campo de estudo isolando uma determinada paisagem sonora. Para Schafer (1970), “Uma paisagem sonora consiste em eventos ouvidos e não em objetos vistos”, sendo assim, questiona-se: uma pessoa cega é capaz de enxergar uma paisagem? Partindo desta pergunta e a interligando com o conceito de paisagem sonora vê-se que a resposta é sim. Porém, de acordo com Santos (1988, p.61):

[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, atores, sons etc.

Esta é a definição clássica de paisagem para Santos (1988), que claramente pode ser questionada pensando mais uma vez na simples pergunta: uma pessoa cega não é capaz de enxergar uma paisagem? Obviamente ela não á enxerga com seus olhos, porém ela molda, idealiza e visualiza uma paisagem em sua mente baseada nos outros sentidos, principalmente na audição. Através de uma paisagem sonora é possível que qualquer pessoa, independente de ser cega ou não, enxergue uma paisagem. Nesta concepção, um cego que esteja em uma praia vai ouvir o som das ondas, o som da água, o som da areia, o som do vento, entre outros, e assim ninguém precisará o dizer que ele se encontra em uma praia.

A paisagem sonora molda e é moldada pela paisagem natural e/ou artificial. Sendo assim, usando mais uma vez o exemplo da praia, os aspectos físicos como o vento, a areia e a água, vão gerar sons que em conjunto formarão aquela paisagem sonora. Por outro lado, estes mesmos sons são capazes de descrever aquela paisagem natural. No caso de paisagens artificiais ocorre o mesmo.

CONCLUSÃO

Levando-se em conta o que foi observado, percebe-se que paisagem é um conceito extremamente complexo e um dos mais complicados da geografia, se não o mais. Diante disso, a paisagem é um termo usado naturalmente no cotidiano de todos e é marcada não só pela sua objetividade mais acima de tudo por sua subjetividade.

Cultura, poder, cotidiano e simbolismo, são alguns dos termos que podem ser usados como ferramenta para estudar o conceito de paisagem.

A Banda Legião Urbana fundada há aproximadamente trinta anos possui em suas letras diversos tipos de paisagens diferentes que possuem uma interpretação única baseada na cultura e conhecimento de quem as compôs e de quem as escuta. Músicas como “Eduardo e Mônica”, “Faroeste Caboclo”, “Marcianos Invadem a Terra”, “Geração

Coca-Cola”, apresentam certos tipos de paisagens que são vistos por todos os ouvintes embora não sejam reais.

Todas essas músicas geram e fazem parte de uma Paisagem Sonora a qual, cria e é criada por uma paisagem geográfica. Assim compreende-se que paisagem não é apenas o que os olhos alcançam, ela está completamente estruturada em torno de todos os sentidos humanos e em torno da cultura, política e sentimentos individuais. Assim, um dos maiores desafios encontrados ao estudar o conceito de paisagem é separá-lo do senso-comum e então estudá-lo mais afundo.

REFERÊNCIAS

COSGROVE, D. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORREA, R.; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de JANEIRO: EdUERJ, 1998.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORREA, Roberto; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SCHAFFER, R. M. **A afinação do mundo**. São Paulo: EdUNESP, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1974.